

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographica, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 9 DE MAIO DE 1904

NUMERO 27



MARQUEZ DE SOVERALL

É um diplomata d'universal reputação o sr. marquez de Soverall. Homem politico e homem de sociedade, tem o seu nome ligado á historia da reconstituição da alliança Igglesa. Amigo pessoal de S. M. o rei Eduardo VII, seu hospede por vezes e seu companheiro, merece a alta estima e a consideração em que o tem o soberano da Grã-Bretanha.

O illustre diplomata fez parte d'essa pleiade brilhante de talentos que ha duas gerações litterarias se affirmou sob o nome de *Vencidos da Vida*, entre os quaes se contavam nomes como o do mestre do romance moderno, Eça de Queiroz, o do historiadar Oliveira Martins, o politico Lobo

d'Avila, os escriptores de raça Hamalho Ortigão, conde d'Arneso, etc. Alto espirito, vivendo entre essas outras intelligencias d'élite, chamado por uma vocação enorme para a diplomacia, o nosso ministro em Londres tem conseguido fazer uma das mais brilhantes carreiras e tem-se imposto á admiração e á gratidão de todos os portuguezes.

Agora o sr. marquez de Soverall vem a Portugal a fim de descansar e recolher-se ao seu solar de Sidra, onde receberá as homenagens dos seus conterraneos que o estimam e respeitam, indo tambem inaugurar a nova Misericordia de S. João da Pesqueira, cuja direcção solicita tão subida honra.

CHRONICA

Ao entrar o maio

O senhor abril chegou ao limiar do céu com a sua túnica de primavera, a sua gorra de botões de rosa e o seu bordão florido d'uma haste d'acacia nobre e rejuvenescida e preparou-se para descansar um anno.

E maio, glorioso, de carnos rosas lacteas, envergado de lilazes, com um ar meio anctuoso, meio revoltado, tendo o roxo das violetas a marcar-lhe a pretensão catholica do mez de Maria e a vermelhidão das rosas a definir-lhe os impetos de reivindicações obreiras, meio garoto, meio serio, no momento d'avançar para o mundo lançou um olhar desdenhoso ao predecessor: e ali, no limiar do céu, travaram-se de razões.

No momento d'entregar o seu sceptro, abril falou assim:

— Lá vaes tu, oh! maio, reger os homens, com a tua maneira duplice e com o teu ar de mansidão... Não te conhecem e chamam-te mez das rosas, não sabem d'onde vens, nem o que tens feito...

— E tu — volveu a mostrar os dentes feitos de corôas de lyrios — tu, abril enganador, que pela alcavalla fechaste o parlamento, tu *blaguear* que no entraras lances logo a farça, inventas o teu *poisson*... Ora vê se te recordas d'aquelle marseizez que no dia primeiro do teu reinado, no estontamento, cheio d'uma miragem, entendem lançar ás turbas a mentira de que na praia apparecera, phenome-

nal e exótico, um monstruoso peixe e que, ao vêr correr toda a gente para as bandas do mar, bateu na testa e exclamou:

— Um peixe monstro?! Que?! Será verdade!...

Apesar de ter inventado a mentira corren tambem a vér detraz dos outros que iam apressados, como certo deputado guindado a ministro da fazenda que, depois de ter inventado cifras, quantias nos cofres publicos, foi para o ministério a vér se realmente lá existia o que espalhara...

Corou o abril, sentiu esfoguear-se-lhe a cabeça e bradou:

— É's tu que falas,?! E então não te recordas da tua lenda?!

Com voz pausada, mansa, resabada por vezes d'ironia, abril, o dos *poissons*, das mentirozas, começou a dizer o que sabia, além no limiar do céu, pela hora tarde de meia noite quando os mundos rolavam infinitamente.

Eis o que elle contou:

No Algarve, linda terra de quetroiras, do sol que embebeda, do luz que exalta, terra de tradições, do



OS CYCLISTAS DE CAÇADORES N.º 2

paganismo, de ancedades nervosas e de poentes côr de sangue, festejava-se outr'ora o maio com grande fausto. Vinham as Maias, moçoilas garridas, vestidas de claro e cobertas de flores, cercando o magico do mez que resplandecia de ouro, que levava todos os cordões e todas as arroçadas, todas as pulseiras, todas as jóias da villa emprestadas sentimentalmente pelas mulheres, por essas more-

emquanto o deus pagão, o maio que devia apparecer carregado d'ouro, se enfeitava para ir tomar o seu lugar.

Mas passaram as horas e então foram bater-lhe á porta. A gente assustada, os corações sobressaltados, n'uma agitação enorme, não podiam calar os seus brados de desespero.

O seu eleito, o bello e verboso desconhecido, o maio da festa, galharo e pagão, desaparecera e consigo levava o ouro do povoado!

E isto contou abril ao mez corrente no limiar do céu e no fim do seu reinado, concluindo:

— No Algarve és tão odiado que jamais te dizem o nome, falam de ti zangados e d'uma forma muito impessoal. Não és o maio para essa boa gente algarvia, chamam-te o *mez que ha-de vir*, isto quando eu reino, o *mez que passou* quando reina o junho... Já vês, pois, a que abjecção chegaste oh! pomposo mez que me increpas algumas tranquibernas do poica montã.

— Por isso todos tomem a tua entrada oh! maio que me atacas!...

O outro mordeu os beiços, afastou-se um pouco e volveu:

— Abril, isto, como os teus *poissons*, foram acasos! Nós somos amigos, marchamos seguramente enquanto o mundo fór mundo e devemos esquecer tanto os teus peccados, como os meus!

E o outro logo, denguero e sorridente, passando-lhe o macio braço pelo suave hombro, todo amavios, volveu:

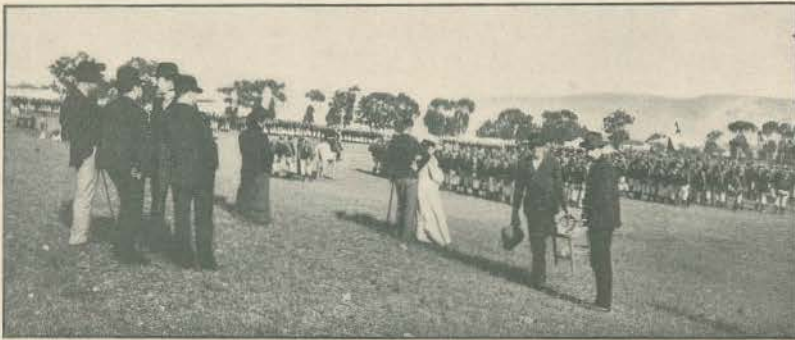
— Sempre fomos amigos... Oh! maio... Basta dizer-te que vaes fazer as eleições, que eu preparei, fechando o parlamento lá n'essa terra em baixo onde florescem as larangeiras e onde tu governas e governarás depois de mim enquanto o mundo fór mundo!

Estalou rija uma gargalhada, deram-se as mãos: abril sumiu-se nas nuvens e maio entrou glorioso com o seu azul, com as rosas, com a garganta afinada para as preces a Maria, o para o berro socialista, maio entrou trazendo em cada petala roxa da sua grinalda uma lista eleitoral.

Lembrao-vos, pois, do maio, d'aquelle foragido do Algarve, lembrao-vos do eleito, senhores, e sobretudo das eleições que já se preparam n'este mez que, cumplice d'abril, governa sempre após elle, tendo nos olhos a luz gloriosa e no intimo a manha que o fez lançar mão do ouro, dos festeiros com alguma cousa da *blague* que leva o *poisson d'avril*, mentira que se pega, não se nega e se não escuta, passa por brincadeira...

E' vér a moral do que elles disseram, senhores, n'essa meia noite, em sabbado, no limiar do infinito!

ROCHA MARTINS.



ASPECTO DO ACAMPAMENTO

nas, de olhos de peccado e falas cantaroladas, que trazem ebano nos cabelos e nacar nas bocas.

Ora, certa vez, appareceu um extranho que era bello e falava bem, que cantava e pia e prometia consas e dizia incarnar a valer esse maio pagão da lenda mourisca. E laes artes teve, laes palavras dizia que todos o elegeram para representar de maio. As ruas estavam coalhadas de gente, á soalheira agrupavam-se homens e mulheres.

Já as Maias cantarolavam e o cortejo se formava



INFANTARIA N.º 2 EM MARCHA
DIVERSOS ASPECTOS DOS EXERCICIOS MILITARES NO HIPPODROMO DE EFLEM



1.º O CARRO DOS JARDINEIROS—2.º O CARRO DO GRUPO DO FUTURO—3.º O CARRO DO TRABALHO—4.º A ASSOCIAÇÃO DOS FABRICANTES DE CERVEJA—5.º O CARRO ONDE FOI CONDUZIDA A PEDRA OPEREIRA PELA COOPERATIVA DE MONTELAVAR E DEPOSITADA AO MONUMENTO DE JOSÉ FONTANA—6.º OUTRO ASPECTO DO CARRO DOS JARDINEIROS

A FESTA DO TRABALHO

Foi no congresso de Zurich em 11 de agosto de 1888 que se deliberou considerar o 1.º de maio como o dia da reivindicação proletária que fez seu symbolo os tres oitos: oito horas de trabalho, oito d'estudo e oito de descanso.

E então por todo o mundo, mais ha alguns annos do que presentemente, em que as manifestações socialistas tem tomado outro caracter sobretudo no estrangeiro, formavam-se grupos, arranjavam-se os carros allegoricos, os operarios vestiam as suas blusas, as mulheres vinham juntar-se ao rancho dos operarios e assim atravessavam as ruas com os seus penões e com a sua fé, com a sua ancia de liberdade e com as suas musicas, paralyzando por esse dia o Trabalho adorado e venerado no 1.º de maio, como o mais bello santo d'um novo calendario.

Esse dia escolheram-no, pois, os proletarios para tal solemnisação e para prestarem as suas homenagens aos homons illustros que tem pugnado pela causa dos trabalhadores.

O operariado, assim, festejando o Trabalho no 1.º de maio, mostrase como uma nova religião, e a qual já tem apresentado os seus martyres e já tem os seus apóstolos no livro d'outro das idéas de paz e de concordia. Entre nós o movimento operario foi iniciado por José Fontana, o combatente, e por uma pleiade e de rapazes da qual faziam parte Eça de Queiroz e Anthezo do Quintal, que inauguraram umas conferencias no Casino, Sousa Brandão foi tambem um apóstolo d'essa idéa, mas aquelle que mais ficou no animo dos trabalhadores, aquelle cujo nome se tornou como o symbolo de idéa socialista em Portugal foi José Fontana.

Morto o apóstolo, o movimento continuou ordeiro e com alternativas de energia e de fraqueza, não se del-

xamo todavia de fazer esse cortejo quasi sempre em romaria no cemiterio dos Prazeres, junto ao singelo tanullo de Fontana.

Tem ali n'uma romaria piedosa e cobriam de flores aquella pedra da qual surge um braço armado com um facho brilhante que é o guia symbolico dos trabalhadores, iam ali e, após algumas palavras ditas sobre a campa de apóstolo, partiam levando a saudade d'esse espirito de cujas faculdades tinha sabido o movimento associativo.

Este anno, o cortejo operario teve outro fim:—Voe ser levantada em face do Maladouro Municipal uma estatua a Fontana e no 1.º de maio o operariado foi lançar a primeira pedra d'esse monumento em presença do sr. Sabino de Sousa, vereador municipal e delegado camarario.

O cortejo, luzido e grandioso, sob a luz magnificente, com os seus carros, com os seus symbolos, levando milhares de obreiros, lá se fez, acabando por uma romagem piedosa.

O sr. Azedo Guacco entregou ao vereador sr. Sabino de Sousa o martello com que havia de bater a pedra fundamental do monumento e, após algumas breves palavras, se concluiu a festa do trabalho n'esse 1.º de maio, de sol e d'allegria, mez de anciedade, d'esperanças para os que trabalham.

Correu tudo em boa ordem e em outras terras do país fizeram-se tambem manifestações assim como no estrangeiro, onde a idéa associativa tem encontrado adeptos e chefes em homens verdadeiramente operarios.

Com a sua simplicidade e com a sua ordeira forma, o operariado presta a sua homenagem ao seu mais devoto apóstolo, ao qual se erguem um singelo busto além, quasi no fim da cidade.



OLAVO BILAC

(Phot. Bobone)

O gortoso poeta brasileiro, cujos versos tem sonoridades e brillantismos, toques de crystal'o fulgore d'ouro, é um dos mais queridos entre nos após a publicação d'esse bello livro, *Uma Inquieta*.

E' novo ainda e já tem o seu nome coberto de gloria. Já elle chegou até nos a' um successo de triumphos através dos mares, tanto nas obras poeticas, como assignando a chronica d'um sabido galles que, publicadas na *Gazeta de Notícias*, constituem um verdadeiro successo para o jornal.

Maldição

Se por vinte annos, n'esta funta escura,
Deizei dormir a minha maldição,
— Hoje, veia e concada ta tortura,
Minh'alma se abriu como um vulcão!

E, em torrentes de colera e loucura,
Sobe a tua cabeça fúria
Vinte annos de silencio e de amargura,
Vinte annos de agonia e solidão!

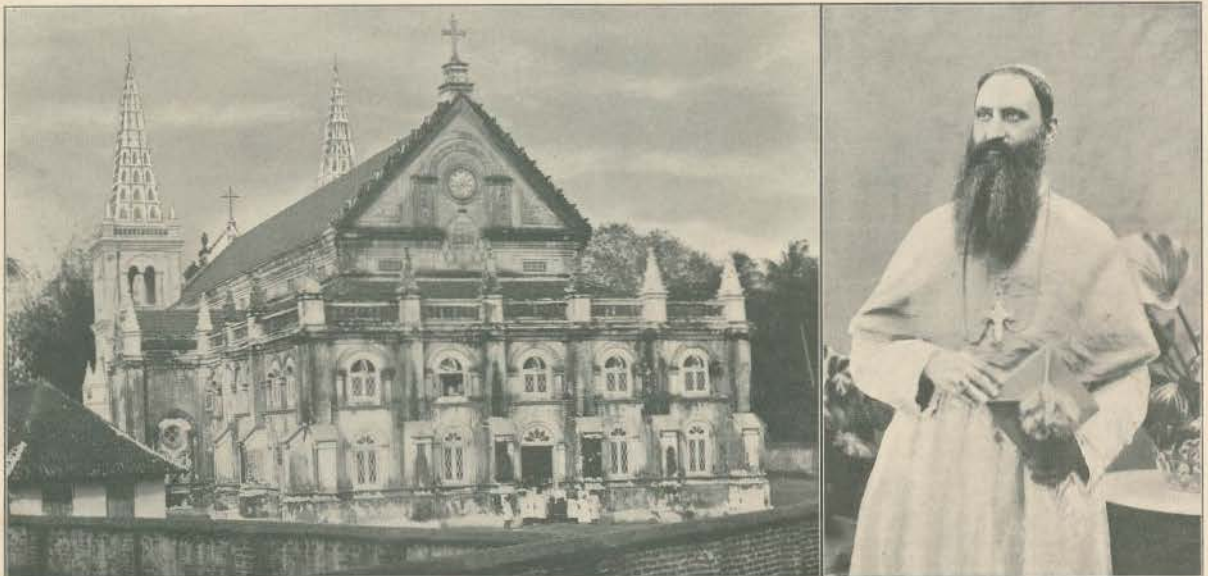
Maldita seja, pelo Ideal perdido!
Pelo mal que fizeste sem quera!
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem prazera!
Pela tristeza do que tenho sido!
Pelo fulgor do que deizei de ser!

Olavo Bilac

A POESIA D'OLAVO BILAC EXPRESSAMENTE ESCRITA PARA SER REPRODUZIDA NA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»

Tivemos occasio d'aportar a mão do illustre poeta a sua passagem por Lisboa e, felicitando-o, saudamos n'elle os honras de lettras brasileiros de que é um bello legitimo representante. Em outubro voltará de novo a Portugal o illustre poeta a ver as provas da sua ultima produção, a qual foi entregue á livraria Teixeira d'esta cidade. Teremos então mais uma vez o prazer de o saudar e commoçar todos os seus admiradores d'este canto tão distante do Brazil, mas tão ligado a elle pela tradiçoes de casta e de paaxer.



A NOVA CATHEDRAL DE COCHIM

SR. D. MATHEW DE OLIVEIRA XAVIER, BISPO DE COCHIM



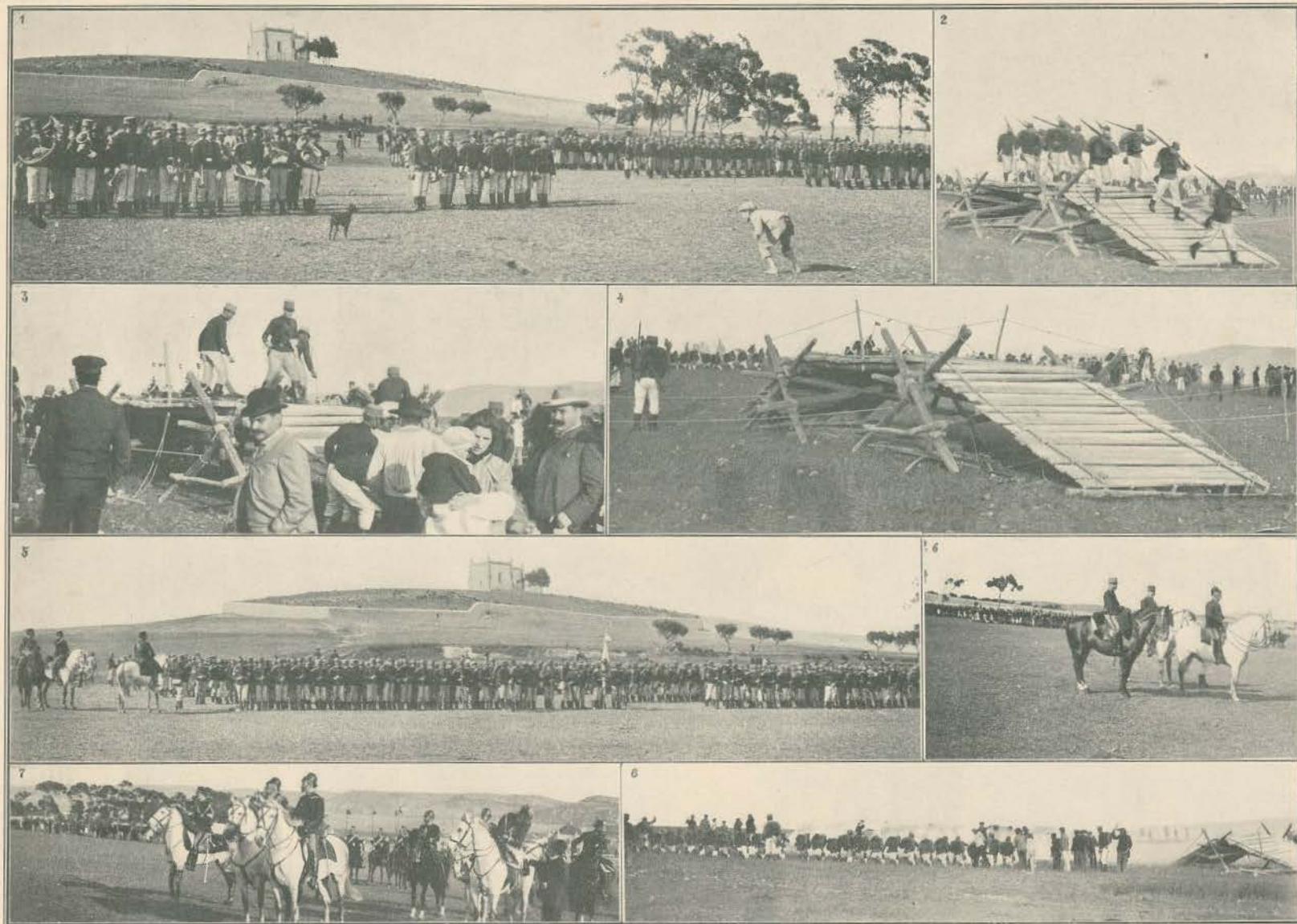
A RECITA DOS ALUNOS DA ESCOLA MEDICA EM 4 DE MAIO NO THEATRO DA TRINDADE
OS INTERPRETES DA REVISTA «PERCURSO SUPERFICIAL» ALGUNS ASPECTOS

É uma maravilha a revista, e são maravilhosos os intérpretes, todos rapazes da Escola Médica. Allá he vida e ha graça, heve a nota comica, oitáa risante e satira, delectavel para os que não se de solta alguns ridiculos ao uso d'aquella musica que se ou. Deitam arrenjos, sobre motivos populares e com alguns de sua inspiração. Os estalantes, alguns em travélla interessante, em lição castitativa. A interpretação esboçada ao mais secular, ordinária e que se não trata de ser sagazem activa: fazer rir e bom rir, em franca graça-hada portugueza.

E os actores da peça, os tres. Xavier da Silva, Rosa e Fernandes, fazendo aquella peça toda

de graça e, se de graça, descontentes que entre gente de estudos gratuitos ha alguma coisa. Satisfacção e consideração a todos os que da obra, que está tocando de aliar, tem nota vira a de a *Revista*, oitáa em *Supercilios*, apresentando a uma forma castita e comica.

A revista representativa de hoje no dia 18 em benefício da Caixa de Beneficência e solidários pobres. Não são os mesmos actores de *Percurso Superficial*, que ha bem acompanhado o seu papel. Mergulho e lamudo e bem, e mais com os os actores da *Percurso Superficial* oitáa os aplausos por actores que o conselho publico de premiar suas disposições.



A REVISTA MILITAR NO HIPPODROMO DE BELEM EM 30 DE ABRIL

1, O REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1—2, PASSAGEM A PONTE EM RETIRADA—3, EXAMINANDO A CONSTRUÇÃO DA PONTE—4, A PONTE CONSTRUÍDA PELOS RAPAZINHOS—5, CAÇADORES N.º 2—6, O SR. GENERAL GUCHENKOV SUPLICANDO O SR. GENERAL DE ODIARÓ
—7, DE BRÁ. GUERRAEM ASSISTINDO AO EXERCÍCIO—8, CAÇADORES N.º 2 EM EXERCÍCIO



A CERIMONIA DO ASSENTAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A JOSÉ FONTANA NO DIA 1.º DE MAIO

A gratidão dos trabalhadores pela memória do apóstolo do movimento operário em Portugal manifestou-se aqui ao erguer-se o monumento a José Fontana, o qual durante uma vida inteira, toda de dedicação e de sacrifício, lutou pelas classes oprimidas.

Além, em face do Mataleiro Municipal, a umas polegadas de terra, assentou-se a lapide sobre a qual se construirá a estatua representativa do respeito pelo incitador, que será como a prova do reconhecimento proletário.

Em maio, aos ortos, com os seus carros alegóricos, com os seus pomboes, mulheres e homens, grande das officinas levando consigo os filhos, lá foram prestar a sua homenagem ao apóstolo, que tão dedicado lhes foi e assim irão em todos os annos pelo 1.º de maio cobrir de flores a pedese.

tal d'essa estatua, cuja primeira pedra foi lançada com a assistencia do vereador municipal sr. Nabilio de Sousa; a quem o sr. Amalio Guscoy entregou o canartello com que devia bater a lapide inicial da estatua de Fontana.



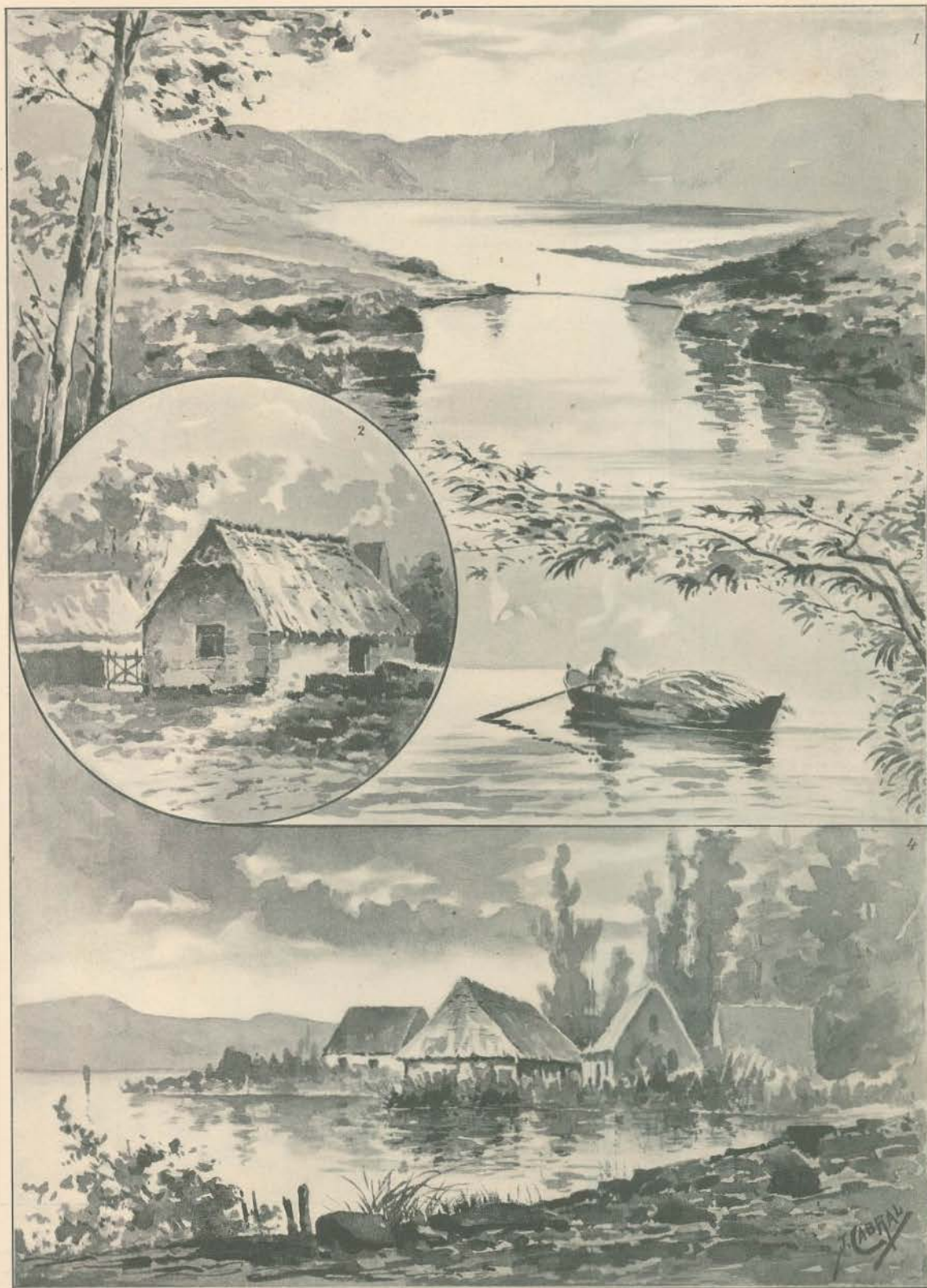
UM ASPECTO DA FEIRA D'ALCANTARA NO DOMINGO 1 DE MAIO, DIA EM QUE FOI INAUGURADA

A feira, aquella tradicional feira das Amoreiras e de Belém, em que realmente se feirava os porcos, e outros fructos, feiras que eram bem portuguezas, foram a abastardar-se aos poucos, e agora nem, n'quelle terreno junto a Alcantara mar, é como um acampamento, apressaria-se, qual monotonico com a sua protecção civilisada. Ha grande numero de theatros, circos, espetaculos de todas as naturezas, barracas em que

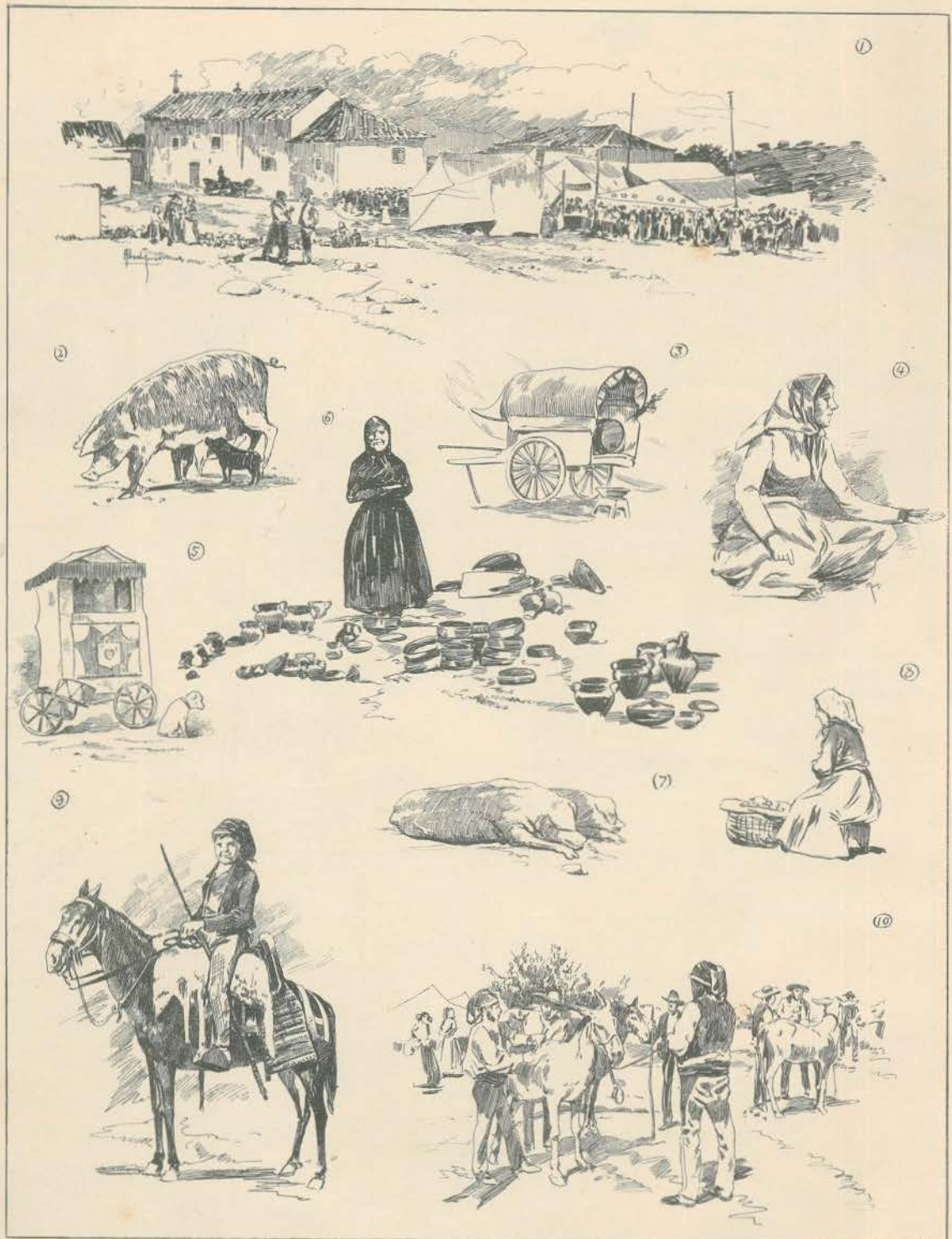
se expõem animatographos, fallando, no entanto, as antigas curiosidades que marcavam bem todo o pittoresco da diversão popular.

Já se não ouve o palliaco à porta das barracas, já não vem fazer segares e chamar o publico; agora tudo mudou, o personagem com muito de característico passou o seu lugar a uma tarba anodyna que faz negocio como em lojas da Baixa, detraz

do balcão, sem um dito, burguezmente, rou' ando todo e enão a essa feira popular, feira de marinhagem e de operarios, onde os instrumentos soprados com flumera laucum, não o atordamento, mas a desagradavel confusão. Ha, no entanto, algumas barracas interessantes, sendo para notar o numero enorme de restaurantes, que se instalaram este anno no local da feira, que em agosto—ao que dizem—irá para Belém.



SETE CIDADES—ILHA DE S. MIGUEL—AÇORES
1, OS LAGOS—2, UM CAZAL—3, BARCO DE PASSAGEM—4, À BORDA DO LAÇO



A FEIRA DE AGUALVA

1, ASPECTO GERAL DA FEIRA—2, OS SACORDES—3, A CABEÇA DO ALMOCRETE—4, UMA MERDOSA CERA—5, O TOTAIRISMO DE FANTOCHES—6, VENDEDORA DE LOUÇA—7, SEIROS—8, A QUEJADORA—9, UM MOÇO DO BARRIO—10, UMA TRANSAÇÃO

A feira na Agualva foi pittoresca e chamou gosto. Fazia-se negocio, ouvia-se ruído de vozes em disputas, os mendigos lamuriavam pelos caminhos onde os maiores passavam conduzindo o gado. Ao fim a paisagem verdejante, a vida campestre em toda a sua plenitude, ranchadas que vislumbram de longe, canções que se perdia nas quebradas.

E o galo em montões repousava entre o vossar dos negociantes, estatelavam-se os vitellinhos brancos, muitos, em grande quantidade, apresentavam-se as vacas malhadadas e aborres, tratavam-se os negocios de copo na mão, n'um disputar que acabava quasi sempre com risos.

Durante os dias de feira, que terminou em 4 de maio, foi grande a affluencia de gente a esse bello logarejo de Agualva, onde se tinham armado barracas nas quasi o negocio era de primeira ordem.

Decorreu tudo em boa harmonia e as transações foram de certa importancia, e que foi bastante util tanto para os vendedores ambulantes como para o commercio local e mesmo para os mendigos que se arrastavam, chagados e lamuriantes, por todo o recinto do mercado e à beira das estradas.



O ASSASSINO DE DOIS OFFICIAES POR UM CABO DA GUARDA MUNICIPAL.
O ASSASSINO NA REDACÇÃO D'«O SEculo» ENTREGANDO O ARMAMENTO AO SR. MAJOR DIAS DA POLICIA CIVIL.

«Não saio d'aqui enquanto o *Seculo* não saber como praticou o meu crime», foram estas as palavras que o cabo (15 da guarda municipal, Manoel de Deus, prozador agarrado porocamente a sua espingarda diante dos que pretendiam prendê-lo na redacção do *Seculo*, onde se dirigira para narrar o seu assassinio logo após o ser praticado.
Foi em sexta-feira, 3 de maio, que o militar, n'um momento de desvarramento, ao saber que lhe iam ser applicados 10 dias de detenção, se dirigiu ao sr. capitão João José Rodrigues Baptista da 4.ª companhia da guarda municipal, a que pertencia o assassinio, no intuito d'obter o perdão d'esse castigo que lhe applicavam. Como o sr. capitão Baptista lhe mostrasse que o devia condemnar, e ra-

bo dirigisse-lhe à caserna, correu a espingarda e subindo ao gabinete do official desfechoz contra elle a arma. Não ruiu da detenção o altero Arthur dos Santos Ribeiro, que trabalhava n'uma casa contigua, correu para o crimeoso, a qual desfechoz porramente a arma matando tambem este official. Em seguida, desceirado, como doido, correu atrevez das ruas segurando a espingarda e ameaçando a quem lhe embargava o caminho, dirigindo-se a'uma correria á redacção do *Seculo* a prestar declaração do acto salientado, sendo preso após ellas pelo sr. major Dias da policia, antes pousa a quem Manoel de Deus entregou a arma depois de ser ouvido pelos redactores do *Seculo*.



dado. A denominação d'esta singular cova aberta no solo, por onde se pode passar sem fazer reparo n'ella, é tão familiar como as expressões domesticas até ás crianças e aos camponeses de muitas terras distantes. É mais afamado que o Parthenon, e mais antigo que as Pirâmides.

Foi ao pé d'este poço que Jesus se sentou a conversar com a mulher d'essa estranha e antiquada comunidade samaritana, a que me tenho referido, e com ella, falou da mysteriosa agua da vida. Como os descendentes de antigos nobres ligueros ainda se distinguem com as tradições que ha nas suas casas de que está ou aquelle rei se demora um dia com alguns seu antepassado valido, ha trezentos annos, não ha duvida de que os descendentes da samaritana, que lá vivem em Siquem, ainda alludam com perdoavel vaidade a essa conversação da sua antecessora, passada ha um certo tempo, com o Messias dos christãos. Não é provavel que elles dêem pouco apreço a semelhante distincção. A natureza dos samaritanos é a natureza humana, e esta recorda-se sempre do contacto com as pessoas illustres.

Por uma offensa feita á honra da familia, os filhos de Jacob, exterminaram uma vez toda Siquem.

Dixámos o poço de Jacob, e continuámos a nossa jornada até ás oito horas da noite, mas um tanto devagar, por termos estado a cavallo descauço horas e os cavallos se acharam cruelmente cansados. Haviam-nos distinguado tanto das tendas que tivemos de acampar n'uma aldeia árabe e de dormir no chão. Poderíamos ter dormido na maior casa do local, mas isso tinha alguns inconvenientes: estava cheia de vermes, tinha o pavimento imundo, não era de nenhuma modo limpa, no unico quarto de cama havia uma familia de cobras, e na sala dois burros. Da parte da fiera não havia nenhum transtorno, a não ser que os fusos albos, andrajosos e de olhar avido, de ambos os sexos e de todas as edades, se agrupavam agachados em torno de nós e nos discutiam e apreciavam em alto falatório até á meia noite. Pouco nos importava o barulho, estando fatigados, mas sem duvida o leitor bem vê que é quasi impossível adormecer sabendo que está ali gente a nitar-vos. Deitá-

mo-nos ás dez horas, seguimo-nos ás duas da madrugada e partimos outra vez. E d'este modo que se o peregrino pelos desegnos, cuja maior ambição n'esta vida é tomar a desceira aos males.

No alvorecer da manhã passámos por Shiloh, onde a Arca da Alliança esteve trezentos annos, e a cujas portas o bom velho Eli cabia e partiu o peçoço quando o mensageiro, que partira a todo o galope do campo de batalha, lhe contou a derrota do seu povo, ou, sobretudo, a tomada do agulho dos filhos de Israel, á sua esperança, e seu refugio, a antiga Arca, que nos seus antepassados tinham levado como do Egypto. Não é muito para admittir que em taes circumstancias elle calhasse e partisse o peçoço. Mas Shiloh não tinha cemantos para nós. Estavamos tão frios que só podiamos ter conforto no movimento, e tão tontos de somno que mal nos podiamos segurar sobre os cavallos.

Descorrido algum tempo chegámos a um montão de ruínas de ruínas, que ainda hoje se chama Bethel. Aqui foi que Jacob descançou e teve a soberba visão dos anjos que sabiam e descançavam por uma escada, que chegava da terra de pevens, e voltava da sua humilde estância através das nuvens do céu.

Os peregrinos apoderaram-se de que restava da ruína consagrada, o chão-nos pressa de alcançar o fim da nossa cruzada, a famosa Jerusalém.

Quanto mais arancávamos, mais ardente se ia tornando o sol, e mais pedregosa e mais repubita e triste, se tornava a paisagem. Se cada dez pés quadrados da terra fosse occupada por uma distincta e separada effeição de cantão durante um século, não haveria mais fragmentos de pedra a juncarem o solo por toda a parte do que ha aqui. Barro se via em um arvore ou um arbusto. Até a oliveira e o casto, esses devotados e amigos dos mans terrenos, quasi que haviam desamparado o país. Não ha paisagem mais fastidiosa do que a que rodeia as cercanias de Jerusalém. A unica differença que se nota entre as estradas e o solo circumjacentes talvez seja a de haver mais rochas n'aquellas do que n'este.

Passámos Ramah e Bethel, e á direita vimos o templo do propheta Samuel ás cavalleiras de uma grande alta-

ra. Ainda se não avistava Jerusalém. Proseguimos com impaciencia. Demostremos um instante na antiga fonte de Betza, poria as suas pedras, unta despedaçada pelo fochão de milhares com sobre que se ficaram ha seculos, não tinha interesse nenhum para nós — morriamos por ver Jerusalém. Paravamos as bestas, de repente em monte, e de ordinario romosávamos a saludez o peçoço antes de chegarmos ao cimo — mas seguimos sempre o designio: — mais montes estupidos para além — mais paisagem sem relevo — e nada da cidade sentia.

Enfim, ao meio dia, principiamos a ver a estenda pedregosa de antigos muros e arcos meio arruinados — reforçámo-nos por galgar mais um monte e todo o peregrino, todo o peccador, seguiu alto o chapéu! Jerusalém!

Levantada sobre os seus chronic montes, branca, com cupulas e solidas, apinhada e alçada de muros cimeiros, a veneravel cidade brilha ao sol. Tão pequena! Pois não é maior que uma aldeia americana de quatro mil habitantes e que uma cidade ordinaria da Syria de trinta mil? Jerusalém conta apenas quatorze mil habitantes.

Apodemo-nos a, sem produzir dous conceitos, contemplámos durante uma hora, através do valle que se interpendia entre nós e a cidade, o antanho osso suas folhas prosentuosas que se gravavam terram familiares a todos os homens desde o tempo em que vão á escola até á morte. Reconhecemos a torre de Hippico, a mesquita de Omar, a porta de Damasco, o monte das Oliveiras, o valle de Josaphat, a torre de David, e o horto de Gethsemani — e partido d'esses muros apontaríamos talvez quasi sem errar o sitio de muitos outros que não podiamos distinguir.

Registó aqui como facto notavel, mas não doutroso, que os nossos peregrinos nem sequer choraram.



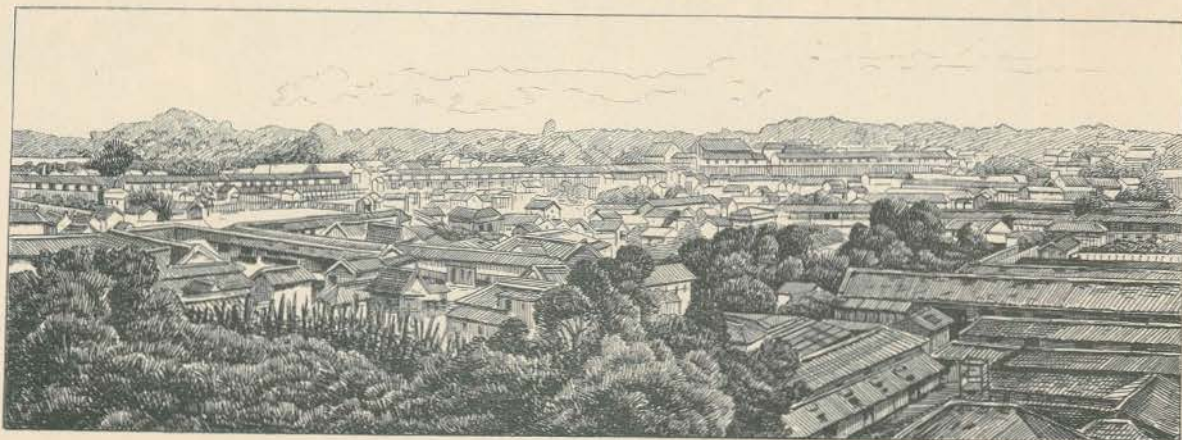
JOÃO JOSÉ RODRIGUES BAPTISTA
O CAPITÃO DA 1.ª COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL.
Assassinado em 5 de maio no quartel da Estrella
pelo cabo n.º 115, da mesma companhia,
Manuel de Deus



MANUEL ANTONIO DE DEUS
CABO N.º 115 DA 1.ª COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL.
Assassinado dos dois officiaes da sua companhia



ARTHUR DOS SANTOS RIBEIRO
ALFERES DA 1.ª COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL
A outra victima do cabo Manuel de Deus



A GUERRA RUSSO-JAPONESA:—VISTA GERAL DE TOKIO

CHRONICA ELEGANTE

As alternativas de dias puramente estivares e d'outros com noriadas desabridas rolombrando tardes de janeiro fizeram com que o formoso abril corresse sem o *entrain* proprio da verdadeira primavera. Até a supressão das gazetas trouxe uma nota desconsoladora a esse mox tão nomeadamente radioso e promettedor de festas e atrações.

Talvez as houvesse, mas passaram-se em segredo e sem o condimento suggestivo do *réclame* e dos *compte-rendu* que são um dos encantos de todo o acontecimento lisboeta.

A moda parece estar fixada e provavelmente se apparecerão de hora em diante varias modificações e innovações que não poderão trazer alteração importante.

Uma das foicões mais notaveis da moda actual é que nos trajes de passeio se observa a mais sensata simplicidade de feitto e guarnições, pelo menos na apparencia, ao passo que nos trajes de cerimonia, recepção, *soirée*, etc., o luxo attinge a mais alta fantasia, o mais complicado requinte, a mais louca sumptuosidade que se pode imaginar.

O branco, apenas *tesitê* ou simplesmente puro, é a cor preferida para *toilettes* de maior elegancia. Os nomes indicam bem as varias *maneiras* de branco: *crème, ciment, craie,ivoire, bis, champagne, blenté, Nil*, etc. N'estas varias gammas do branco, assim como nas cores attona-

das, formam-se associações que n'outros tempos teriam parecido o cumulo do disparate: azul e lilaz, roxo e cor de rosa, etc.

Os grandes *couturiers* adoptam, uns o estylo Luiz XV, outros o 1.º Imperio, o genero 1830, ou o 2.º Imperio, modificando-os e adaptando-os ás exigencias da linha moderna e ao perfeito conhecimento do aspecto das pessoas. Assim estuda a questão da alta moda, assim comprehendido o que melhor convem á estatura, á cor da pelle e dos cabellos, o tambem ao tipo suave, severo ou majestoso da physionomia, não é para admirar que nas grandes reuniões mundanas se vejam surgir figuras já de si formosas, mas que a arte do *habilleur* moderno completa da maneira mais suggestiva e encantadora.

FIG. 1 — *Toilette* de recepção em *monsellene de soie* branca com *incrustations* de renda *guipure* artistica portugueza.

FIG. 2 — Blusa de *chiffon* cor de rosa, e chapéu 1830 de gaze rosa com plumas e rosas debaixo da aba.

FIG. 3 — *Toilette* de passeio em *étamine gris argent*. Chapéu de palha setim com plumas pretas.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3